

# O GRANDE DESASTRE

Luciano Cabral

os passageiros vão se acomodando em seus assentos, três amigas conversam, a primeira, a mais extrovertida, fala alto e ri, rouba a cena, sobressai, inventa sórdidas histórias em detalhes sobre casais e situações que nunca existiram, um pouco Nelson Rodrigues, um pouco Sade, um pouco original, quem sabe seria escritora se não estivesse neste avião, adora ver fotos de mulheres nuas, várias delas escondidas no fundo da gaveta do quarto, o pai é militar, tem uma amante, a mãe, calada, resignada, eles não imaginam que a filha gosta de beijar mulheres, a segunda é magra e tímida, pratica ioga, esgrima e bulimia, conhece todos os métodos e produtos de emagrecimento que se tem no mercado e não sai de casa sem um adipômetro, come duas barras de cereais pela manhã e uma rodela de tomate sem caroços no almoço, à tarde, vomita o que comeu e à noite não sente fome alguma, vive uma estranha relação com um homem casado, muito mais velho do que ela, ele é forte e ela gosta quando ele aperta seus braços e machuca seus ossos, ele havia prometido, na semana anterior a esta viagem, que se separaria da esposa, mas ela não quer isso, ela gosta dele justamente por ser casado, a terceira amiga sabe do desejo da primeira por mulheres e do caso da segunda com o homem casado, não será jornalista, roubou um binóculo que usa para olhar da sua janela a janela dos outros, não é passatempo, é vocação, também roubou o maço de cigarros que tem na mão, mas não sabe fumar nem vai ter tempo de aprender, ela pega um dos cigarros e passa nas narinas e sente o cheiro da nicotina e se acalma, tem medo de altura, também sente desejos por outras mulheres, segredos, morrerá com eles, assim como suas amigas, ela tem dezoito anos, o avião decola, um outro passageiro procura violentamente, entre vários papéis escritos, algum em branco porque sua cabeça sempre resolve criar os poemas mais sublimes quando menos se espera, não encontra papel em branco, mas encontra sua caneta chilena favorita, o poema nunca se tornará público, só o poeta sabe que existe, os melhores poemas

nunca serão escritos, só imaginados, ele começa a escrevê-lo na palma da mão, não pode perder tempo, mas as palavras surgem com uma fúria tão grande que a mão não consegue registrar exatamente o que ele pensa, de repente, ele para, imóvel, estátua, para, duvida se quer deixar no poema seu pensamento mais escuro, seu ideal mais flexível, sua fraqueza mais vergonhosa, sua opinião mais dolorosa, seu hálito mais podre, ele hesita, pensa, respira, seu nome é Pablo, Maria Lenk, recordes, bebês, piscinas olímpicas, mudanças drásticas de humor, treinamentos e patrocínios não deixam a cabeça da belíssima moça que está de olhos fechados e fones de ouvido ouvindo canções infantis e sentindo dores por causa das cólicas menstruais, ela chora baixinho, de novo, não consegue engravidar, ela quer nadar e quer ser mãe, o pai pode ser qualquer um, ao lado dela há um rapaz lendo um livro, introspectivo, mas nem sempre foi assim, perdeu a direção e o movimento das pernas a cento e sessenta por hora, o livro que ele lê narra os pensamentos de um suicida, depois do acidente ficou aficcionado por esse assunto, suicide solution é a canção que mais ouve agora, ele admira a bela articulação das pernas das aeromoças, antes, estas coisas simples não o comoviam, eu cruzo as pernas vagorosamente, em gestos grandes, só para provocá-lo e consigo, ele me olha de soslaio por algum tempo e volta ao seu livro suicida de autoajuda, por falar em pernas, duas dançarinas espanholas discutem sobre a apresentação que fizeram dois dias atrás, elas se elogiam copiosamente, mas na verdade uma acha que sua coreografia e figurino são de vanguarda, a outra acha que aquilo não é dança, é cena de filme pornográfico, uma outra moça de óculos grandes dorme profundamente, ela é cega, não usa cão-guia nem bengala, as turbinas param de funcionar, o piloto recorre a todos os botões e alavancas possíveis para uma situação como esta, faz contato com a torre de controle de tráfego e informa que não sabe o que está acontecendo, terá que fazer um pouso forçado em qualquer lugar, não fará, ele retira do bolso a foto de sua pequena e única filha e a amassa contra o peito, ontem, antes de dormir, ela pediu que lhe contasse a história do pássaro que não podia voar, mas ele não sabia a história, o piloto beija a foto da filha, não há mais nada a fazer, o avião está caindo, as três amigas se abraçam, a terceira confessa que está

apaixonada pela primeira e a magrela confessa que sua estranha relação é com o pai da primeira, o poeta começa a recitar em voz alta o que está escrito em sua mão, a nadadora arranca as roupas e implora para que alguém lhe faça um filho, o jovem paraplégico fecha o livro e sorri, as dançarinas espanholas tocam castanholas, a moça cega dorme profundamente, meus ouvidos estão atentos à harmoniosa polifonia deste desastre, ainda procuro, instintivamente, a melodia perfeita, mas eu mesmo não sei de nada, quem conhece a história de todas estas pessoas é o meu stradivarius, o avião explode no chão.